

Cesta básica mais cara em Brasília

Pesquisa do Dieese detecta aumento de 0,82%, de agosto para setembro, nos preços de 13 produtos

**TRABALHADOR QUE
GANHA SALÁRIO
MÍNIMO CONSOME
78,86% DA RENDA
MENSAL PARA
SE ALIMENTAR**

VALÉRIA FEITOZA

A cesta básica ficou 0,82% mais cara em setembro, no Distrito Federal. De acordo com a pesquisa mensal realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), o gasto de um trabalhador brasileiro para comprar os 13 produtos que com-

põem a cesta subiu para R\$ 109,55, contra R\$ 108,66 em agosto. É o terceiro maior preço registrado no DF desde janeiro.

Para uma pessoa que ganha um salário mínimo por mês, a cesta básica no mês passado consumiu 78,86% da renda mensal, o equivalente a quase 160 horas de trabalho. Para uma família padrão, composta de dois adultos e duas crianças, o consumo alimentar ideal, medido a partir do preço da cesta, alcançou R\$ 328,65. O Dieese estima que, para atender a todas as necessidades básicas de um trabalhador, o salário mínimo ideal teria que ser de R\$ 1.003,67, quase sete vezes maior do que o atual.

Batata, tomate, banana e óleo foram os maiores vilões

da cesta no DF em setembro. De todos, o tomate foi o que apresentou a maior variação de preço (9,68%). Nos últimos 12 meses, o campeão em aumento de preços foi o açúcar, que já acumula alta de 64,91%. "Este ano, os fenômenos climáticos influenciaram muito nestes preços, tivemos um inverno rigoroso e uma seca prolongada nas áreas produtoras", explica Lilian Arruda Marques, supervisora técnica do escritório regional do Dieese em Brasília.

A fisioterapeuta Lisiana Gomes, 30 anos, sentiu no bolso o aumento dos preços dos alimentos. Ela, que costuma pesquisar antes de fazer compras e sempre espera as ofertas nos supermercados, gastou, no

mês passado, R\$ 450 só com alimentação, quase 15% a mais do que ela afirma ser o habitual. "E olha que somos só eu e meu marido", diz. A pesquisa do Dieese mostra que apenas cinco produtos baixaram de preço no DF em relação a agosto: café (5%), leite (3,57%), feijão (2,92%), manteiga (1,93%) e carne (1,73%).

Atualmente, Brasília ocupa o quinto lugar no *ranking* entre as 16 capitais pesquisadas pelo Dieese. Apenas São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Belo Horizonte têm cestas básicas mais caras. No Distrito Federal, os pesquisadores do Dieese visitam 55 locais de compra de alimentos, entre supermercados, açougues, padarias, varejões e feiras.

Aumento nas 16 capitais pesquisadas

O preço da cesta básica subiu em 16 capitais brasileiras no mês passado, segundo a pesquisa de preços realizada pelo Dieese. Os aumentos mais significativos ocorreram em Fortaleza (CE), Florianópolis (SC) e São Paulo e as menores variações ficaram em Belém (PA) e Brasília (DF). As altas foram motivadas pelos efeitos da seca e da geada sobre os alimentos in natura, de acordo com o técnico do Dieese Maurício Soares.

A capital paulista conti-

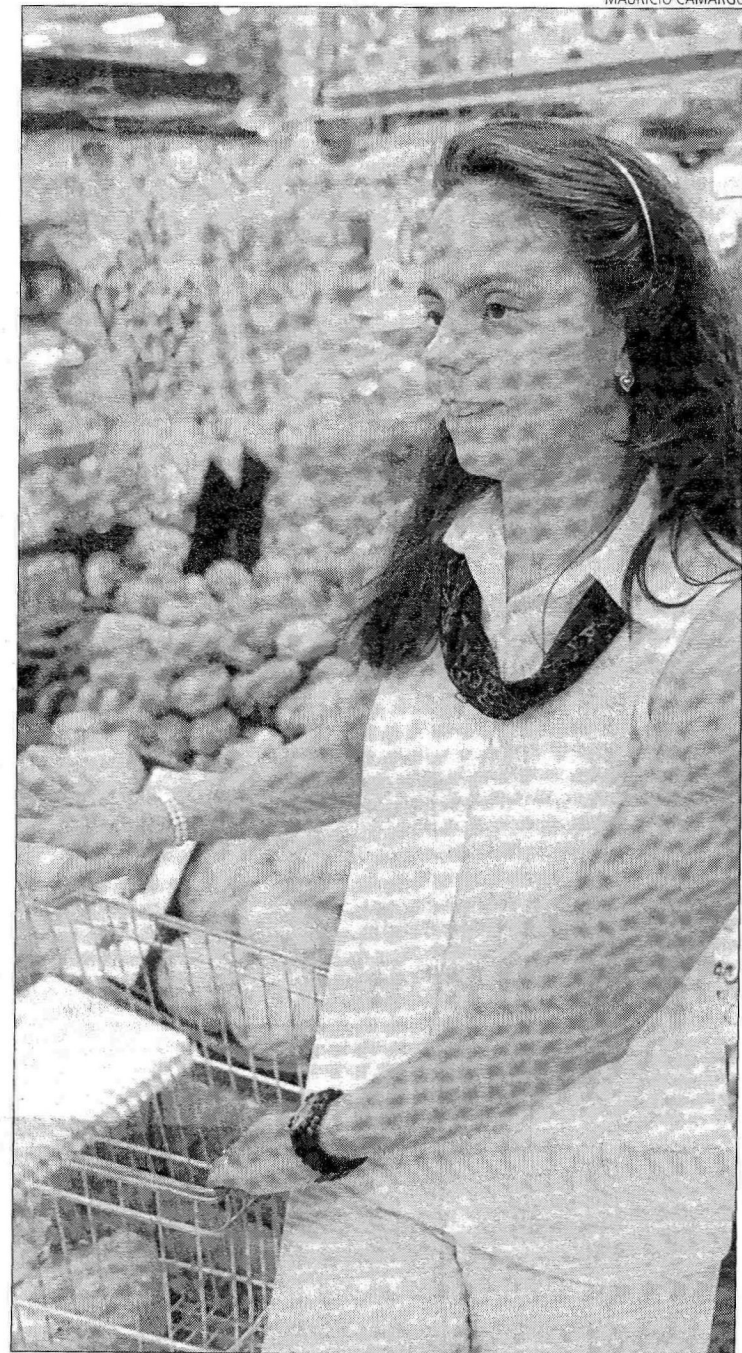
nuou a apresentar o preço mais alto (R\$ 119,47), o maior valor desde a implantação do Plano Real. Em outras seis cidades, a cesta básica também ficou acima de R\$ 100: Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte, Brasília, Rio de Janeiro e Florianópolis. Os menores valores foram verificados em Salvador e Natal. No acumulado do ano, apenas uma capital (Natal) registrou variação negativa. As maiores altas ocorreram em Belo Horizonte, Curitiba e Fortaleza.

Em todo o País, o tomate foi o principal responsável pela alta generalizada no custo da cesta básica, pois subiu em quinze capitais, com exceção de Belém, onde se manteve estabilizado. O produto chegou a registrar alta de 74% em Fortaleza. O açúcar aumentou em 14 capitais, refletindo ainda a quebra da safra da cana e a elevação nos preços internacionais. Entre os produtos com recuo de preço estão o café e o leite.

Maurício Soares disse que a oferta dos alimentos com ci-

clos de cultivo mais curto, como as verduras, já está regularizada. Os aumentos, segundo ele, ainda persistem nos produtos de ciclos mais longos, como o tomate, que ainda estão refletindo os efeitos da entressafra e do frio, e alguns industrializados.

Com base na cesta de maior valor (a de São Paulo), o Dieese calcula que o salário mínimo necessário para manter o trabalhador e sua família deveria corresponder a R\$ 1.003,67 no mês passado.



LISIANA GOMES